



# PROJETO FILOSOFIA NAS COMUNIDADES

## Edição 2011

### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Nome do Projeto: Projeto Filosofia nas Comunidades
- 1.2. Tema do Projeto: A crise ambiental: contribuição filosófica em torno de problema e alternativas
- 1.3. Nome do/s Responsável/is: Dndo. Itomar Siviero, Me. Maicon Rosseto e Esp. Nei Pies
- 1.4. Nome dos Componentes (bolsistas): Aléx Antônio Oniszko, Alexson José da Silva, André Paulo Junges, Elias Fochesatto, Felipe Carra, Guilherme Cavalli, Meir Pinheiro, Milton Sulzbacker, Rosane de Fatima Pereira, Rudimar Barea, Pablo Cechinatto de Lima, Rafael Hoffmann, Tânia Beatriz Teixeira Monteiro, Volnei Fortuna
- 1.6. Contato do Responsável (ou do Grupo): [filosofiacomunidade@ifibe.edu.br](mailto:filosofiacomunidade@ifibe.edu.br);
- 1.7. Promoção: Instituto Superior de Filosofia Berthier - IFIBE,
- 1.8. Parceria: Projeto Transformação, Centro Acadêmico João Berthier – CAJOB e Agenda 21 de Passo Fundo – RS.
- 1.9. Apoio: Projeto Transformação

### 2. OBJETIVOS

#### 2.1. Geral

Refletir sobre a crise ambiental na perspectiva crítica e global, visando problematizar e apresentar alternativas a partir da relação entre o homem, a natureza e o mundo.

#### 2.2. Específicos

1. Aprofundar o problema da crise ambiental como uma decorrência do progresso tecnológico;
2. Provocar os participantes para a compreensão da crise ambiental como problema ético e não de etiqueta;
3. Sensibilizar os participantes para uma atuação, promoção e defesa de uma cultura do cuidado como parte constitutiva da existência humana, expressão do cuidado de si e do mundo;
4. Mostrar que a preocupação pela crise ambiental é oriunda das lutas pelos direitos humanos, conquistas da cidadania através da participação ativa das pessoas em prol da realização da terceira geração (alguns quarta);
5. Divulgar experiências que estão acontecendo em Passo Fundo acerca do cuidado ambiental, a exemplo do Projeto Transformação;
6. Possibilitar maior conhecimento e propagação da filosofia nas comunidades e escolas;
7. Compreender a tarefa filosófica como necessidade para se ler o mundo criticamente;
8. Possibilitar amadurecimento filosófico e compromisso dos estudantes de filosofia do IFIBE, despertando maior interesse, envolvimento e compromisso com ações práticas em defesa do meio ambiente.
9. Somar e qualificar o conjunto de atividades e projetos desenvolvidos pelos parceiros desta edição.

### 3. JUSTIFICATIVA

Ao longo dos últimos anos inúmeros eventos, escritos, atividades realizadas por instituições privadas e públicas, foram promovidos em torno do tema da crise ambiental. Mesmo que até então, muitos deles tenham conseguido despertar nossa sensibilidade para o tema, ainda perdura a gravidade do problema, e diante das hecatombes que temos assistido e quiza envolvidos (in)diretamente, nos desafiam para a necessidade de repensar sobre o presente e o futuro da vida no planeta. Em menos de cinco anos temos visto catástrofes provocadas por tornados, vulcões, tsunamis, vendavais, inundações e deslizamentos urbanos, aumento do lixo e do descartável em constância e crescimento sem par. Acompanhando os noticiários diários, especialmente sobre séries – A vida no planeta – há quem diga que frente ao desmesurado aquecimento global a vida na terra está por um fio, ou dito de outro modo, a terra pede socorro. Tudo leva a crer que não serão somente as gerações futuras que padecerão, mas todos, incluindo a nossa, porque está cada vez mais evidente que a diversidade e enormidade dos problemas exigem reflexões que abarquem a complexidade deste tema e apresentem soluções rápidas que nem sempre acontecem. Isto significa dizer que de um problema acaba-se gerando outros. No plano da compreensão pode se reduzir esse problema a soluções de etiquetas. Mas o pior é quando os problemas acabam

tornando-se ingovernáveis, como é caso do Haiti, frente ao terremoto que destruiu a capital de um dos primeiros países a gritar pela dependência na América Latina, de soluções difíceis como é o caso do Japão diante dos estragos causados pela tsunami e terremoto que matou mais de mil pessoas, destruiu centenas de casas, atingiu a usina de reatores nucleares espalhando radioatividade em níveis acima do esperado, como é o caso do Brasil diante das deslizamentos de encostas e enchentes que deixam centenas de pessoas mortas e desabrigadas.

A situação posta leva a crer que não temos mais o que fazer ou a se perguntar: até quando isso vai continuar? Onde iremos parar se isso não findar? Segundo grupos de cientistas, as transformações que estamos assistindo são oriundas de duas perspectivas de explicação. De um lado, aqueles que defendem que as transformações que vêm se apresentando no planeta Terra são resultados das ações dos homens que ao longo de muitos anos preocuparam-se em destruir a natureza e lançar uma quantidade exagerada de gases-estufa na atmosfera. De outro lado, aqueles que defendem que as transformações são resultados da própria evolução do Planeta e que a ação do homem não é a mais determinante neste processo<sup>1</sup>. Transformações geológicas ocorreram em outros momentos e parece estamos começando a entrar em nova fase no Planeta Terra. Começar a pensar nisso é assustador, pois a grande pergunta é: qual espécie será extinta desta vez? A este respeito, BOFF nos diz:

Precisamos de um olhar retrospectivo sobre a história da Terra para lançarmos alguma luz sobre a crise atual. Antes de mais nada, cumpre reconhecer que terremotos e devastações são recorrentes na história geológica do Planeta. Existe uma "taxa de extinção de fundo" que ocorre no processo normal da evolução. Espécies perduram por milhões e milhões de anos e depois desaparecem. É como um indivíduo que nasce, vive por algum tempo e depois morre. A extinção é o destino dos indivíduos e das espécies, também da nossa. Mas além deste processo natural, existem as extinções em massa. A Terra, segundo geólogos, teria passado por 15 grandes extinções desta natureza. Duas foram especialmente graves. A primeira, ocorrida há 245 milhões de anos por ocasião da ruptura de Pangéia, aquela continente único que se fragmentou, dando origem aos atuais continentes. O evento foi tão devastador que teria dizimado entre 75-95% das espécies de vida então existentes. Por debaixo dos continentes continuam ativas as placas tectônicas, se chocando umas com as outras, se sobrepondo ou se afastando, movimento chamado de deriva continental, responsável pelos terremotos. A segunda ocorreu há 65 milhões de anos, causada por alterações climáticas, subida do nível do mar e aquecimento, eventos provocados por um asteróide de 9,6 km caído na América Central. Provocou incêndios infernais, maremotos, gases venenosos e longo obscurecimento do sol. Os dinossauros que por 133 milhões de anos dominavam, soberanos, sobre a Terra, desapareceram totalmente, bem como 50% das espécies vivas. A Terra precisou de dez milhões de anos para se refazer totalmente. Mas permitiu uma radiação de biodiversidade como jamais antes na evolução. O nosso ancestral que vivia na copa das árvores, se alimentando de flores, tremendo de medo dos dinossauros, pôde descer à terra e fazer seu percurso que culminou no que somos hoje.

Cientistas notáveis (Ward, Ehrlich, Lovelock, Myers e outros) sustentam que está em curso uma outra grande dizimação que se iniciou há uns 2,5 milhões de anos, quando extensas geleiras começaram a cobrir parte do Planeta, alterando os climas e os níveis do mar. Ela se acelerou enormemente com o surgimento de um verdadeiro meteoro rasante que é o ser humano, através de sua sistemática intervenção no sistema-Terra, particularmente nos últimos séculos. Alguns falam da inauguração de uma nova era, o antropoceno, quer dizer, o ser humano se fez uma força geofísica de destruição. Peter Ward (O fim da evolução, 1977, p.268) refere que esta extinção em massa se nota claramente no Brasil, que nos últimos 35 anos onde estão se extinguindo definitivamente quatro espécies por dia. E termina advertindo: "um gigantesco desastre ecológico nos aguarda".

O que coloca o sentido da vida em crise é a existência dos terremotos e tsunamis que destroem tudo e dizimam milhares de pessoas. E aqui humildemente temos que aceitar a Terra assim como é: ora mãe generosa, ora madrasta cruel. Ela segue mecanismos cegos de suas forças geológicas. Ela nos ignora, por isso os tsunamis e cataclismos são aterradores. Mas nos passa informações. Nossa missão como seres inteligentes é decodificá-las, para evitar danos ou usá-las em nosso benefício. Os animais captam tais informações e antes de um tsunami fogem para lugares altos. Talvez nós outrora, soubéssemos captá-las e nos defendíamos. Hoje perdemos esta capacidade. Mas para suprir nossa insuficiência, temos a ciência. Ela pode decodificar as informações que previamente a Terra nos passa e nos sugerir estratégias de autodefesa e salvamento. (Fonte: <http://leonardoboff.wordpress.com/2011/04/19/baixar-a-terra-da-cruz-e-ressuscita-la/>)

Mas, por outro lado, há quem diga que soluções estão sendo pensadas. Quatro grandes encontros foram realizados mundialmente. O primeiro em Estocolmo (1972), o segundo no Rio de Janeiro (1992), o terceiro em Kyoto (1997) e o quarto em Copenhague (2010). Em todas inúmeras representações se fizeram presentes, entre eles, chefes de Estado e de Governo, cientistas, representantes de ONGs, imprensa, entre outros. O que fizeram nestes encontros: reuniões, discursos, juramentos e propósitos generosos, propostos em documentos assinados por todos. Qual o custo destes eventos? Muito altos, mas com grandes promessas. Acerca disto, Roque Zimmermann ousa perguntar: "Terá algum proveito? Trará algum fruto? Os pobres do mundo poderão ter alguma esperança?" E responde: "Infelizmente, os resultados das conferências anteriores, as idas e vindas da preparação da atual, a manifesta má vontade dos governos de alguns países, bem como da maioria dos setores sociais mais poluidores do planeta não me propiciam grandes expectativas. Entretanto, entre cético e esperançoso, lembrando Margareth Tuchner, em seu memorável "A marcha da insensatez", aposto esta vez na sensatez da humanidade. São as gerações futuras que estão em jogo, ainda que a presente não deixe de ser atingida brutalmente pelas consequências da irresponsabilidade nossa e das gerações passadas. Estas, ao menos, tinham a desculpa da ignorância. Não sabiam e pouca chance tiveram de conhecer os efeitos danosos da depredação da natureza e da

---

<sup>1</sup> Para ilustrar esta questão, dois textos são importantes neste debate. Um, intitulado *Por trás do taco de hóquei*, que trata de comprovações da contribuição da humanidade para o aquecimento global. Cf. STIVAL, David. *Por trás do taco de hóquei*. Revista Scientific American. Ano 3 – nº 35, abril de 2005, p. 24-25. Outro texto importante é: WILLIAM F. Ruddimann. *Quando os humanos começaram a alterar o clima?* Revista Scientific American. Ano 3 – nº 35, abril de 2005, p. 58-65.

poluição da atmosfera que estavam cansando. Já nossa geração não tem escusas. Sabemos, experienciamos progressivamente e temos como saber mais. Se não o fizermos, haveremos de pagar caro e o preço maior será pago mais uma vez principalmente por quem tem pouca ou nenhuma culpa em cartório.”

Avançando para o universo da leitura filosófica, a questão que merece ser enfrentada e que guiará nossas reflexões, diz respeito a relação entre ser humano, natureza e mundo. A crise ambiental não é problema de hoje, mas desde há muito tempo. Nasce no seio de um projeto de organização civilizacional, em que homem, natureza e mundo não interagiram e não se construíram conjuntamente. Nesse aspecto, duas idéias merecem destaque. A primeira vem da vertente moderna que coloca o homem no centro de tudo, resultando na “idéia de que o ser humano é tão mais humano quanto mais ele consegue estender seu controle sobre todos os níveis e planos da existência. [...] Em face desta civilização que perdeu a noção de limite, a noção de medida, a crise ecológica passa a ser vista como o sintoma de um desequilíbrio cujas causas vão muito além de fenômenos como a poluição industrial ou o efeito estufa” (UNGER, 1992, p.11). O problema radica-se na perda da referência ética que se baseie no respeito, integração e cordialidade entre a natureza humana, a natureza biodiversa e o mundo em que estamos e pertencemos. A lógica do crescimento se sobrepôs em nós de tal modo que hoje somos logrados e instigados a pensar que isso não significou desenvolvimento, porque desenvolvimento é a defesa da sustentabilidade da vida, que estende à vida humana, a vida animal, a vida social, enfim, que congregue o ser humano, a natureza e o mundo. Segundo BOFF, o que estamos assistindo deve-se fenômeno do descuido, do descaso e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado. Diz: “Atulhados de aparatos tecnológicos vivemos tempos de impiedade e de insensatez. Sob certos aspectos regredimos à barbárie mais atroz” (1999, p.20).

De outra parte, o projeto também se justifica pela relação com a Política Nacional de Educação Ambiental que foi instituída pela Lei 9795 de 27 de abril de 1999 e modificada pelo Decreto 4281 em 25 de junho de 2002. Estabeleceu-se que a Educação Ambiental (EA) seria um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. A referência para a inclusão da EA nos níveis do processo educativo seria, então, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Mais que focar esta discussão em uma ou outra disciplina específica, a EA não pode ser algo que se aplica da porta da escola para fora. Quando interrogados sobre a temática, listam os problemas enfrentados pelo meio natural de sua comunidade, como exemplo o lixo, mas não admitem nenhum dos aspectos culturais e sociais englobados pela EA. Reconhecem os meios naturais como constituintes do meio ambiente, mas não enxergam o homem (ou a si mesmo) como parte integrante desse todo. A questão ambiental, neste sentido, define, justamente, o conjunto de contradições resultantes das interações internas ao sistema social e deste com o meio envolvente. São situações marcadas pelo conflito, esgotamento e destrutividade que se expressam: nos limites materiais ao crescimento econômico exponencial *versus* um plano de desenvolvimento sustentável; na expansão urbana e demográfica; na tendência ao esgotamento de recursos naturais e energéticos não-renováveis; no crescimento acentuado das desigualdades sócio-econômicas intra e internacionais, que alimentam e tornam crônicos os processos de exclusão social; no avanço do desemprego estrutural; na perda da biodiversidade e na contaminação crescente dos ecossistemas terrestres, entre outros. São todas realidades que comprometem a qualidade da vida humana, em particular, e ameaçam a continuidade da vida global do planeta. De fato, a questão ambiental revela o retrato de uma crise pluridimensional que aponta para a exaustão de um determinado modelo de sociedade que produz, desproporcionalmente, mais problemas que soluções e, onde as soluções propostas, por sua parcialidade, limitação, interesse ou má fé, terminam se constituindo em nova fonte de problemas. Neste sentido, a questão ambiental, por outro lado, agrega à realidade contemporânea a necessidade de mostrar a universalidade - embora com variações regionais - dos problemas socioambientais contemporâneos e por alertar para a necessidade de promover mudanças efetivas que garantam a continuidade e a qualidade da vida no longo prazo. Isto significa que, às ameaças sócio-políticas e econômicas de sempre se acrescentam os imperativos ambientais, de como administrar e garantir recursos vitais e finitos como o solo, a água e a energia- para citar os mais óbvios - em um sistema social caracterizado pela desigualdade e insustentabilidade. Por isso que não é possível tratar de um dado problema ambiental sem considerar todas as dimensões. Para DIAS (1994, p. 8) “[...] a Educação Ambiental se caracteriza por incorporar as dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, ecológicas e éticas.” A inter-relação da ética, da política, da economia, da ciência, da tecnologia, da cultura, da sociedade, da ecologia, pode sugerir um ponto de partida no momento de refletir quais seriam os grandes problemas que tocam as populações, tanto no âmbito macro, quanto no micro revelando, portanto, uma permanente complexidade do pensar e do agir ambiental.

Tendo por base essas ponderações é que o Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE), em parceria com o Centro acadêmico João Berthier (CAJOB), o Projeto Transformação e a Agenda 21 Local, conjugam esforços para a realização de oficinas sobre o tema da *crise ambiental – implicações filosóficas*, através do Projeto Filosofia nas Comunidades. De outro lado, e de maneira específica, essa proposta também se justifica pelas seguintes razões:

- O projeto Filosofia nas Comunidades nasceu em 2005 através da iniciativa do IFIBE na perspectiva de discutir temas contextuais à luz da filosofia, tanto com grupos de lideranças comunitárias, bem como, com escolas e outros grupos, segmentos e categorias profissionais. Desde a sua fundação até o presente momento foram realizadas quatro edições temáticas, sendo que para cada uma delas foi escolhido um tema e metodologia de trabalho e discussão.

Em 2005 teve como tema o Referendo sobre o Desarmamento. O Projeto consistiu na realização de debates de esclarecimento sobre o referendo. O objetivo principal era oferecer subsídios para que a comunidade pudesse conhecer as principais posições em torno do assunto e, de modo especial, sobre a importância de participar do referendo como forma de exercício da democracia direta prevista na Constituição Federal. O desenvolvimento do projeto consistiu na realização de um encontro com duração de uma hora, sendo que, na primeira parte era apresentado o referendo, sua importância e organização e as principais opiniões favoráveis ao Sim e ao Não na implantação do desarmamento e, na segunda parte, abria-se espaço aos presentes para discussão sobre o tema do desarmamento.

Em 2006 o IFIBE deu continuidade ao projeto tendo como tema a relação entre ética e política. O objetivo dessa edição era discutir a forma de realização e compreensão da política no cenário brasileiro, visando aprofundar filosoficamente quais são os fundamentos e o sentido da política, a sua relação com a ética e com o exercício da cidadania. A justificativa nasceu diante dos diversos fatos de corrupção no terreno da política que disseminou uma visão pessimista, anti-ética e sem esperança na política como meio para garantir a participação, realização das pessoas e possibilidade de melhorias da qualidade de vida das pessoas. A metodologia consistia numa apresentação teatral que ilustrava a prática de candidatos nas disputas eleitorais e, posteriormente, eram realizadas discussões sobre o tema.

Nas edições de 2007, 2008 e 2009 o tema foi Filosofia e Direitos Humanos: contribuição filosófico-pedagógica para o fortalecimento da luta pelos Direitos Humanos em Passo Fundo. Considerou-se que o tema direitos humanos vem tomando amplo significado e está cada vez mais presente em diversos espaços sociais. Nos últimos anos, tanto organizações da sociedade civil, quanto órgãos públicos e instituições de ensino e pesquisa tem se dedicado ao tema que carece de um aprofundamento em vista da mudança de concepção, passando de uma visão negativa, pautada na conhecida frase “direitos humanos só defende bandido”, para uma visão mais positiva e afirmativa, compreendida como recuperação da dignidade humana. A metodologia usada versou basicamente na dinâmica Escala de Valores, onde os/as participantes deveriam escolher pessoas para viver e para morrer. Os critérios usados eram pontos para discussão e aprofundamento do tema que teve boa repercussão em todas as oficinas realizadas. Esta edição era parte da Campanha de Afirmação dos Direitos Humanos em Passo Fundo, promovida pela Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo.

- Por fim, cabe justificar que a abordagem filosófica de temas contemporâneas não se constituem em tarefa fácil seja porque ainda se está em fase de elaborações, construções de problematizações e de proposição de alternativas possíveis frente aos dilemas vividos, seja pelo fato do temas serem abordados por acadêmicos em fase de formação e não por *experts* no tema em questão. De qualquer modo, as construções de reflexões e de problematizações não são tarefas temporais à filosofia, mas históricas e está na capacidade de cada sujeito em propor temas que, aparentemente novos, na verdade, retratam velhos problemas e/ou vice-versa. Mais, independente, se o projeto é desenvolvido por professores ou acadêmicos, o que está em questão é o desafio em levar os participantes à reflexão de questões que comumente não são pensadas e tematizadas pelos aparatos e meios que ampliam nossa capacidade cognitiva. E mesmo que se constitua como tarefa penosa aos acadêmicos, tem sido louvável o crescimento pessoal, cognitivo e, sobretudo, na decisão dos acadêmicos em se propor ao tratamento de temas filosóficos com pessoas não iniciadas em filosofia. Ao mesmo tempo que estão aprendendo, estão, também, se desafiando a mostrar como o conhecimento filosófico e a própria filosofia podem contribuir no mundo em que estamos vivendo atualmente. Essa perspectiva permite que se pense numa proposta de educação, formação e compromisso com temas que promovam a emancipação humana, ultrapassando os limites de uma educação preocupada com as melhores formas e métodos de treinamento, cerceada pela repetição de velhas fórmulas, tendo como centralidade a preocupação em *como fazer*, sem questionar *o que é isso que estamos fazendo e por que estamos fazendo isso que estamos fazendo*. Entendemos que a escola e grupos de lideranças eclesiais e sociais têm um papel fundamental na formação de pessoas capazes de se posicionarem criticamente frente aos novos padrões existenciais impostos pela sociedade contemporânea. Essa iniciativa não pode ser negada ao Projeto Filosofia nas Comunidades. Daí a sua importância e sua continuidade.

#### 4. AÇÕES E ATIVIDADES

*Fase Preparatória:* consiste no processo de organização e formação

*Fase de Desenvolvimento:* consiste na realização das oficinas com diferentes grupos

*Fase de Avaliação:* consiste no processo de reflexão acerca dos passos dados no projeto

*Finalização do Projeto:* consiste no processo de encerramento, certificação e arquivamento das atividades

## 5. PÚBLICO

O projeto pretende atingir professores e alunos de diversas escolas de Ensino Médio, turmas de graduação de cursos afins ao tema, comunidades e grupos de lideranças organizados de Passo Fundo (Eclesiais, Associação de Moradores e categorias profissionais). Pretende-se desenvolver 30 oficinas.

## 6. METODOLOGIA

A metodologia do projeto, segundo experiências das edições anteriores, consiste em levar os participantes a discutirem sobre o tema proposto, a partir da introdução de dinâmica/situação problema que, necessariamente, os obriguem a tomar posições e argumentar por que está afirmando isso e não aquilo, ou por que isso se tem acolá, enfim, confrontar as posições com elementos da reflexão crítica e global do tema em questão. No fundo, segue-se a matriz do método dialético, onde através de teses e antíteses, visamos chegar a construções de sínteses que, além da sensibilidade, ampliação da compreensão, também motive para o compromisso com ações práticas acerca das possibilidades e desafios que o tema apresenta.

A proposta deste ano consistirá em problematizar e compreender o tema da crise ambiental a partir da relação entre natureza, homem e mundo. Em formato de oficina, num tempo estimado de 2 horas-aula, serão desenvolvidos os seguintes passos.

### 1º PASSO

Introdução geral do projeto e apresentação dos proponentes e dos membros que realizarão a oficina. Contextualizar que as oficinas serão desenvolvidas em parceria entre IFIBE, CAJOB e Apoios. Coordenador informa o passo seguinte.

### 2º PASSO

#### *Introdução do Problema*

Monitor destaca que o mundo está assistindo o aumento gradativo da crise ambiental. Frente a este cenário, além de grandes preocupações por parte de pesquisadores e militantes engajados na luta pela preservação ambiental, apresentam-se as mais diversas soluções. A nós interessa problematizar este tema a partir do olhar da filosofia, convidando-os a refletir e se engajar nas novas práticas necessárias ao cuidado com a vida no planeta Terra numa perspectiva ecocêntrica. Convida os participantes para assistir um vídeo para depois aprofundarmos o tema. (O vídeo contém imagens do mundo, de um homem e de uma árvore. Os três elementos surgem integrados, interligados no ambiente natural e depois somem. Na sequência retornam separadamente. A árvore aparece pequena e vai crescendo, até produzir inúmeros frutos. No final seu ciclo é interrompido porque vem uma pessoa e serra-lhe um galho, dois galhos, três galhos, até serrar o tronco e derrubá-la por completo. Na sequência, aparece um homem que, semelhante ao ciclo da árvore vai crescendo, até ficar grande, adulto. Acontece o mesmo processo da árvore com o homem, porém, no final ele lança-se para dentro do mundo. Na sequência, aparece o mundo que vai sendo preenchido pela sua diversidade de composições, isto é, entre os homens, entre homens e coisas, entre homens e instituições: igreja, escola, indústrias...). Em um determinado momento o mundo começa a sucumbir e beira a sua destruição. Na sequência a destruição é completa. Tudo culmina com a destruição.

### 3º PASSO

#### **REFLEXÃO SOBRE O TEMA**

Monitor realiza diálogo e reflexão com os presentes a partir das seguintes questões:

- O que vocês viram nas imagens que passaram? (Descrição, reconstrução. Deve ficar clara a idéia das partes se fragmentando e se esfacelando)
  - Na avaliação de vocês, por que isso aconteceu? O que ocasionou esse esfacelamento? (Explicação pelas causas que levaram a tal desfecho)
  - Quais valores podem ser destacados nestes acontecimentos? (Explicitação da base motivadora da ação humana)
  - O que isso significa para você, para nós? (Reflexão pela busca de compreensão do sentido do que aconteceu nas imagens)
  - O que nós vimos e refletimos tem alguma relação com a nossa realidade de Passo Fundo e Brasil? (Relação do problema com a realidade. Mostrar imagens do Lixão de Passo Fundo, dos escoamentos de esgotos e localização das grandes empresas....)
- (OBS. Este momento de reflexão pode ser realizado através da dinâmica de grupos ou no coletivo. Dependerá do grupo em questão e da quantidade de pessoas).

- Encerra este momento com a leitura da Carta do Cacique Seattle. (Projetada em data show)

#### **4º PASSO**

Socializar as iniciativas que estão acontecendo em Passo Fundo no cuidado com a questão da reciclagem através de iniciativas como o Projeto Transformação. O que está sendo feito? Quem está fazendo? Onde ele está sendo feito? Quem coordena o Projeto? (Contextualizar, projetar imagens e colher depoimentos sobre essa experiência)

#### **5ª Passo**

Convidar os participantes para cantar a música "O futuro em nossas mãos", de Roberto Carlos ou "Terra, Planeta Água", de Ivan Lins. (Projetada em data show)

#### **6ª Passo**

##### *Avaliação*

Convidar os participantes para destacar quais foram as principais aprendizagens com a discussão deste tema. Pode-se perguntar: Na sua avaliação, a discussão contribuiu para ampliar a sua compreensão sobre o tema da crise ambiental? Sim? Não? Por quê? Além disso, questionar se a metodologia de trabalho foi boa. Por fim, agradecer a participação dos presentes e finalizar os trabalhos.

### **7 . COORDENAÇÃO**

O projeto será desenvolvido em parceria entre IFIBE, CAJOB, Projeto Transformação e Agenda 21 Local. A coordenação geral estará sendo realizada pelos Professores Dndo. Itomar Siviero, Me. Maicon Rossetto e Esp. Nei Pies. Caberá a Coordenação auxiliar no processo de discussão e elaboração do projeto, na seleção e capacitação dos acadêmicos, acompanhar a realização das oficinas nas comunidades, a coordenação do seminário e elaboração do Relatório Geral do projeto.

### **8. CRONOGRAMA**

*8.1. Duração do Projeto: 8 meses*

Passo fundo, 26 de abril de 2011.  
Coordenação Projeto